

PERSPECTIVAS SOBRE O CASAMENTO DENTRO DA SOCIEDADE CHAPECOENSE (1950-1960)

Clarissa Vinhas Furlanetto*

RESUMO: A partir da década de 1950, após a definição do estado do Iguaçu, a região oeste catarinense passou a pertencer definitivamente ao estado de Santa Catarina e um crescimento acelerado ocorreu na região. Este crescimento estava atrelado aos valores sociais e morais, pois era desejado no âmbito social a mudança da imagem região. As notas em jornais de notícias sobre casamentos vieram a contribuir para isso, sendo um forte aliado para que a moral e os bons costumes fossem exaltados em um local onde se visava o desenvolvimento e a prosperidade. Neste ensaio, analisamos alguns indicativos neste sentido, dados a partir dos jornais da época, em especial, o Jornal A Voz de Chapecó.

Palavras-chave: casamentos. Desenvolvimento. jornais.

ABSTRACT: From the Decade of 1950, after the State's definition of Iguaçu, the Western region of Santa Catarina came to belong to definitely state of Santa Catarina and rapid growth occurred in the region. This growth was coupled to the moral and social values, as desired in social change of the image region. The notes in newspapers of news about weddings came to contribute to this, being a strong ally to the morale and morality were exalted in a location where it was aimed at the development and prosperity. In this essay, we analyze things to look out for in this sense, data from newspapers of the time, in particular, the newspaper the voice of Chapecó.

key-words: weddings. Development. newspapers.

Introdução

Historicamente, o casamento é visto na Sociedade Ocidental como um elemento fundante e agregador, não só da moral, mas também da organização da própria economia. A partir do século XIX, o casamento passou a ser percebido tanto religioso quanto civil: um instrumento de controle social.

Em Chapecó, no Oeste do Estado de Santa Catarina, esses valores propostos pelo casamento também estiveram presentes. Essa região passou por inúmeros conflitos territoriais, sendo definida sua situação no final da década de 40. A partir de então, iniciou-se um processo de desenvolvimento regional, o Estado catarinense passaria a investir na região, instalam-se em 1948 a Residência do Departamento de Estradas de Rodagem e em 1949 a Delegacia Regional de Polícia.

Ocorridas essas definições, a expansão econômica, social e política da região foi intensa: advindo o aumento populacional, as estradas melhoraram, a indústria ganharia força, entre outros. Além disso, a posição geográfica, centro-oeste catarinense, tornaria-se centralidade do núcleo urbano, sendo um ponto de passagem e de referência.

* Licenciada em História - Unochapecó, pós-graduada em Educação – História e Geografia - UCEFF Faculdades e Mestranda em História Regional – UPF. Contato: clavinhas@gmail.com. Recebido em: 19/04/2012. Aceito em: 28/05/2012.

Partindo desse desenvolvimento que ocorreu no município nas décadas de 40 e 50, propõe-se analisar de que forma o casamento civil e religioso fez parte disso, visto que a Igreja Católica era de vital estima na época. Esta análise será feita por meio de um Jornal específico que era veiculado na época, “A Voz de Chapecó”¹.

1 Alguns retratos da sociedade chapecoense relacionados ao/a homem/mulher/casamento

As décadas de 50 e 60 promoveram um grande desenvolvimento no município de Chapecó. Foi proporcionada a expansão econômica, social e política. Dentro desse processo, o casamento tende a cumprir um importante papel, pois é visto como um instrumento de controle social.

Como sacramentalizadora do casamento, tem-se a Igreja Católica, detentora de grande valor na época. A comunidade estava muito ligada nesta religião, que estava estabelecida no município desde a vinda dos imigrantes rio-grandenses, como formadora de opiniões e dos valores fundamentais compartilhados pela sociedade.

Entre esses valores estão a importância do trabalho e do sofrimento, o caráter sagrado e indissolúvel da família, o princípio hierárquico da autoridade, a importância da vida comunitária, o senso de justiça e retidão de conduta, o controle da sexualidade e da procriação, etc. (POLI apud HASS, 2003, p. 51).

Como Chapecó estava em fase de crescimento, algumas normas deveriam ser estabelecidas para que prosperidade fosse possível. As lideranças locais, compostas por leigos e religiosos, almejavam construir uma sociedade marcada de bons valores sócio-político-culturais, compostos por aquilo que eles julgavam certo, voltando-se para a modernização que estava repleta de valores divinos.

Dentro desse panorama, a maior parte das mulheres não faziam parte do “corpo” que comandava a cidade. Com exceções, geralmente estavam em suas casas, associando sua imagem a de boas moças, prendadas, administradoras do lar, como boas companheiras e, geralmente, apoiadoras de seus esposos.

Os deuses criaram as “MULHERES” para as funções domésticas, o homem para as outras [...] que viva sob a estreita vigilância, veja o menor número de coisas possíveis, ouça o menor número de coisas possíveis, faça o menor número de perguntas possíveis. (ALVES;PITANGUY In BOTTON, 2000, p. 9).

Para auxiliar nesse processo de doutrinação sobre os papéis sociais, o Colégio Bom Pastor, fundado pela Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora,

que era, como coloca Campos (2000), comandado por freiras até 1985 e exclusivo à educação feminina. Era um lugar pensado e disposto de modo a manter as meninas protegidas das influências externas, facilitando a disciplina e a obediência, que posteriormente, deveriam ser refletidas dentro da sociedade.

Aliado a esse ambiente educacional no sentido de promover o progresso e a ordem regional, é fundado em 1959 o Colégio São Francisco, pelos Irmãos Maristas. Visava atender aos meninos, com a justificativa de que na região possuía-se um colégio de Ensino Normal que era destinado somente às meninas e, desta maneira, havia a necessidade de outro para o sexo masculino, sendo de curso técnico ou tecnicista. Como orientações da Pedagogia Marista, prevaleciam os valores de amor, respeito, compreensão, simplicidade, espírito de família e dedicação ao trabalho. Dentro do colégio, a vigilância sobre os alunos era constante, a disciplina era a palavra de ordem, ritmo de estudo rigoroso, a competitividade, a virilidade e a moderação eram presentes na educação escolar. (VOJNIAK, 2004).

Dessa maneira, o município se aliava ao cenário nacional. Com o fim do Estado Novo em 1945, Getúlio Vargas sai do poder, retornando em 1951, juntamente com os seus valores políticos/econômicos e sociais e sua imagem de líder aliada à religião, tendo a Igreja Católica como detentora dos valores sociais.

Sendo a educação um dos centros de sua política, Getúlio insere nos livros didáticos referências para a mulher ter cuidados com o lar; a disciplina e a virtude militar que carecia para constituir a pátria e construir um verdadeiro cidadão masculino brasileiro, ambos sempre aliados a uma “docilidade” que estava presente nos discursos e ideais getulistas.

Lar, Escola e Pátria constituem as únicas referências geográficas utilizadas. Todos esses espaços são preenchidos de amor e desprovidos de conflito: “Só o amor constrói”. O lar é o espaço privilegiado do aconchego. Na escola, o professor desperta sugestões emotivas e exercita para o impulso heróico e para o “apostolado cívico”. [...] As relações sociais, do lar à escola e, deles, para o genérico da Pátria, diluem-se gradativamente, sustentadas apenas pelo cívico da moralidade. (LENHARO, 1986, p. 49).

A educação, a presença familiar e a mulher como membro do lar estampam os jornais chapecoenses da época, até mesmo anteriores a ela. Percebe-se, pela análise dos fatos, que os ideais presentes na sociedade chapecoense possuem base nacional, são reflexos das políticas nacionais que já estavam em vigência antes mesmo de Getúlio Vargas entrar no poder pela segunda vez.

[...] A educação moral da criança, no aconchego do lar, esta afeta muito mais de perto a mulher, porque ela é o elemento constitutivo da família, já pelas suas carícias, pelo seu exemplo. Virtudes e dever maternal, verificando-se que toda a vez

que a mulher-mãe abandona as normas dignificadoras, torna-se corrupta, fornecedora de maus exemplos, a destruição do lar é a consequência lastimável”. Os bons exemplos, os conselhos diários, a honradez, os sentimentos nobres, o respeito a Deus, o amor filial da concepção do belo, ao agradável, a religião de esperança enfim, são complementos da moral, entregues ao coração materno para que transmita aos filhos, a fim de que vão amanhã em busca de uma educação intelectual nas escolas, sob os cuidados do Estado. O desleixo de uma e outra educação – moral e intelectual é imperdoável. (A Voz de Chapecó, 1939, p. 12).

Dessa maneira, evidencia-se qual o papel e o local da mulher na sociedade brasileira, assim como na chapecoense. A mulher é embutida de valores, responsável pela educação moral e disseminadora dos valores católicos dentro dos lares.

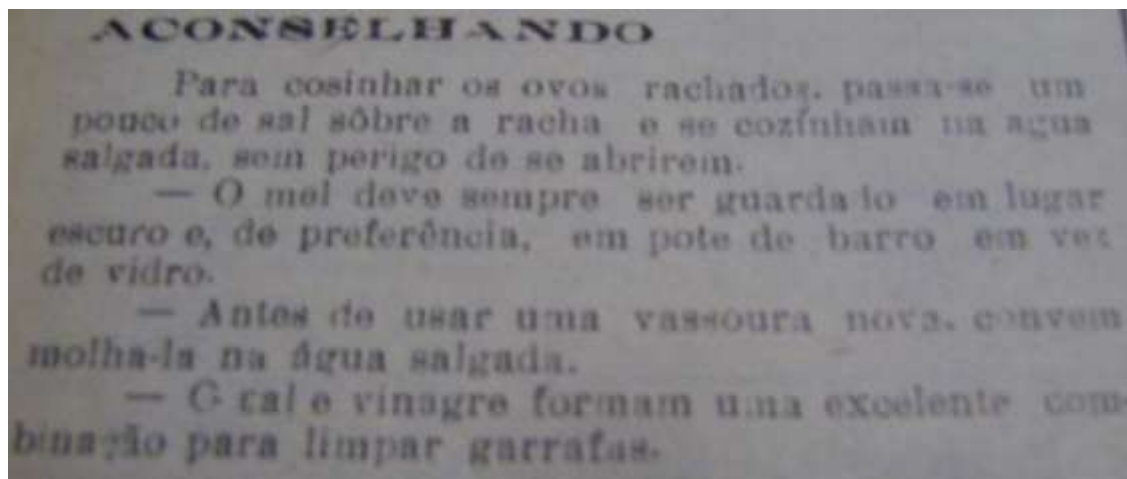
2 Jornal “A Voz de Chapecó” e os discursos a cerca do casamento

Apesar do crescente desenvolvimento municipal, no estado e no país, Chapecó representava-se como uma terra de ninguém, uma terra sem lei. Era necessário mudar os costumes, o comportamento, o procedimento de homens e mulheres dentro da sociedade para que a visão em torno da cidade fosse modificada. (PELUSO, 1982-83)

Como coloca Tonin (2004), a partir da década de 50, tentando romper com discursos e imagens que negativavam a cidade, promove-se um processo civilizador através de projetos de reordenamento dos espaços públicos, com a criação de escolas, hospitais, clubes. Aliadas a estes programas, surgem publicações que veiculam discursos do ideal de moralidade que deveriam prevalecer, bem como novos padrões de beleza, elegância e comportamento das mulheres. O Jornal A Voz de Chapecó foi criado com o intuito de levar esses valores à comunidade chapecoense.

Com efeito, as inúmeras matérias veiculadas no jornal A Voz de Chapecó buscava transmitir “conhecimento”, para que o “povo” saísse da ignorância, recebendo uma nova orientação intelectual e moral, incorporando nas suas mentes, fundamentos e concepções de vida da civilização ocidental. (PETROLI, 2005, p.33).

As ideias expostas no Jornal tinham um cunho racional, eram permeadas por orientações intelectuais e morais, também difundidas no país. O desejo dos editores do Jornal era de que os enunciados propostos nas matérias adentrassem o cotidiano chapecoense. Relacionando o discurso jornalístico ao casamento, várias matérias/dizeres eram veiculadas.

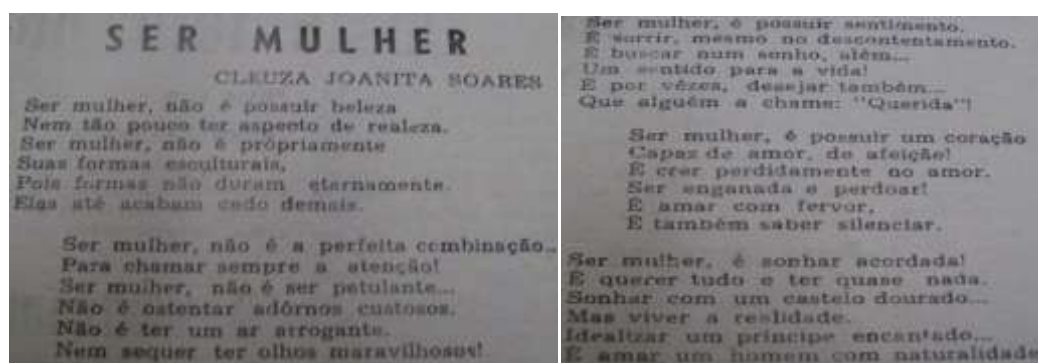


(A Voz de Chapecó, 1952, p. 2)

Esta dica presente no jornal A Voz de Chapecó é composta por sugestões que, neste caso, são remetidas a mulher, fazendo parte da coluna “Coisas da vida”, que entre outros, trazia aconselhamentos destinados a elas, às “guardadoras do lar”. Com estas recomendações, pretensamente seria possível uma manutenção plena e correta do domicílio, pois além de trazer dizeres culinários, de como armazenar os alimentos e cozinhá-los, havia formas de como fazer a limpeza da casa e dos objetos que pertenciam a ela. Assim seria propiciada uma estrutura sem desleixos e não passiva de questionamentos, um lar perfeito.

A mulher deveria fazer de sua casa um “lar feliz”, sendo ele modesto ou não, competia à ela implementar a felicidade, encaminhar a casa o “raio de luz que dissipa o tédio e também os raios de sol que dão cabo dos perversos micróbios”. (MALUF E MOTT, 1998).

Assim como “A Voz de Chapecó”, o jornal a “Folha d’Oeste” também veiculava notícias/dizeres a respeito das mulheres e de seu papel:



(Folha d’Oeste, 1948, p.2)

Este poema estampa o jornal Folha d’Oeste de seis de junho de 1968, relatando o papel da mulher. Coloca que ela deveria estar sempre sorrindo, disposta, esbanjando felicidade. Seu amor deveria vir embutido de perdão, de tolerância, ser incondicional, A

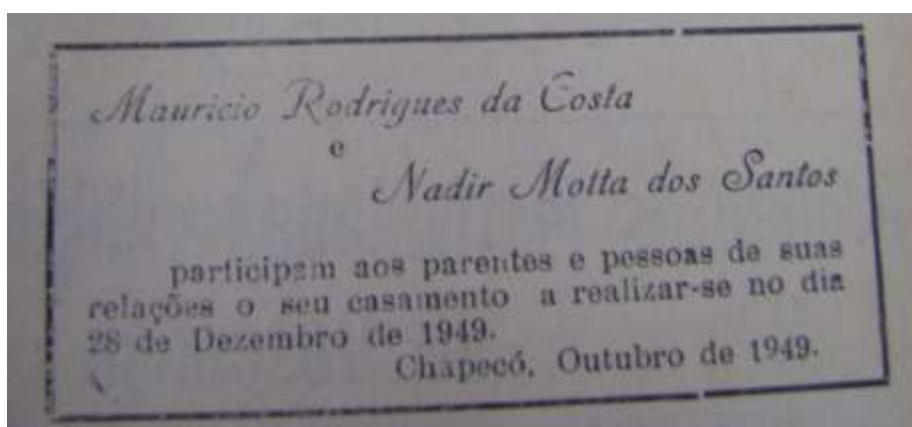
mulher deve saber baixar a cabeça sempre ao que for dito por seu marido, calar, desculpar no caso de traições e jamais traí-lo, mesmo que em pensamento; contentar-se com aquilo que tem, com o pouco, pois este já pode ser demais; viver a realidade, aceitar o homem que a ela for destinado, mesmo que tenha idealizado algo mais, deve satisfazer-se com o que lhe for designado, com aquilo que for natural a ela.

Alguns casamentos da sociedade chapecoense eram notícia corrente nas páginas dos jornais. Estampava as colunas sociais, constando quem casava, o local, o dia, os convidados que participaram da cerimônia, mostrando seu valor e importância social na sociedade da época.

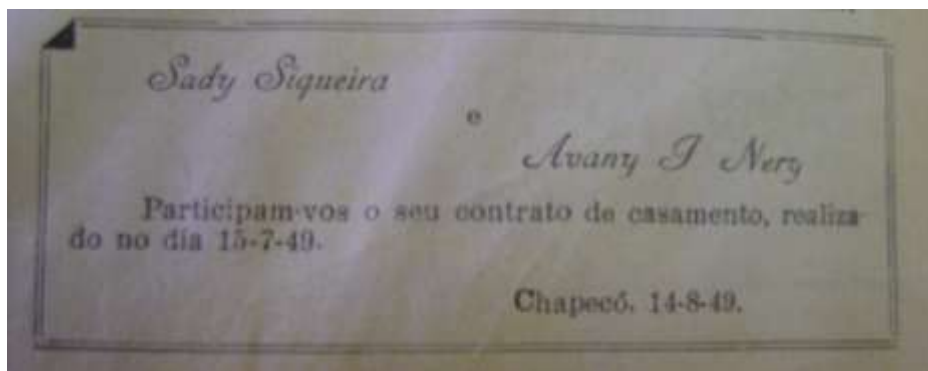


(A Voz de Chapecó, 1952, p. 3)

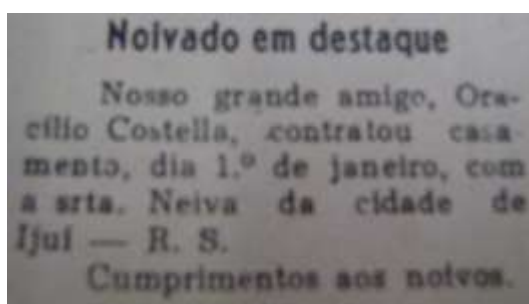
Além destes relatos que contavam como havia sido o casamento, havia também anúncios que eram convites para o casamento da alta sociedade (A Voz de Chapecó, 30 de outubro de 49 – 1ª página); anúncio de casamentos que haviam ocorrido e estavam sendo divulgados para a comunidade local (A Voz de Chapecó, 14 de agosto de 1949 - 1ª página); e anúncio de noivados que aconteciam em Chapecó e região (Folha d'Oeste, 8 de fevereiro de 1969), que respectivamente seguem abaixo.



(A Voz de Chapecó, 1949, p. 1)



(A Voz de Chapecó, 1949, p.1)



(Folha d'Oeste, 1969, p.4)

Esses destaques dados ao casamento eram correntes nas páginas jornalísticas de Chapecó, mostrando o poder que esta relação tinha dentro da sociedade e a importância de tornar o ato um fator público, convidando as pessoas da convivência para comparecerem em sua realização, comunicando o enlace ou destacando o noivado, que era um passo para o casamento. Desta maneira, as pessoas demonstravam seu poder, seu prestígio social, muitas pagavam por estes anúncios, demonstrando-se detentoras de certas posses, e se ainda não faziam parte, adentravam a sociedade da época.

Considerações Finais

Este artigo procurou analisar o casamento, o qual tenta ser um instrumento moral e social, além de sua contribuição no processo de construção do progresso da sociedade chapecoense nas décadas de 1950 e 1960. Analisando os dados de jornais da época, em especial “A Voz de Chapecó”, ficam evidentes que os valores declarados pelo estado nacional caminham juntos com o regional. As colunas jornalísticas existentes pregavam a presença de uma mulher dedicada à família e ao lar. Traziam notícias sobre a sociedade da época, receitas, dicas de limpeza e beleza, de conservação de alimentos, anúncios de casamentos, namoros, noivados, fofocas regionais, que serviam de divertimento e ocupação para o ideário feminino.

Referências bibliográficas

- ALBA, Rosa Salete. *As agroindústrias e a produção do espaço urbano de Chapecó*. Cadernos do CEOM, Chapecó, Argos, n. 14, 2001.
- BELLANI, Eli Maria. Balsas e Balseiros no Rio Uruguai. *Para uma história do oeste catarinense*: 10 anos do CEOM, Chapecó, n. 1 a n. 8. UNOESC, 1995.
- BOTTON, Jane Graça Correa. BALBINOTT, Lenita Peruzzo. *Experiência de mulheres no cenário político chapecoense*. 2000. Monografia (Especialização) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Chapecó, 2000.
- CAMPOS, Jane Lopes. *Controle e vigilância das mulheres chapecoenses nas décadas de 60 a 80*. 2000. Monografia (Especialização) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Chapecó, 2000.
- CASAMENTO: tradições e símbolos. [S. l.] Disponível em: <http://www.revistadanoiva.com.br/conteudo.asp?cod=41>
- D'INCAO, Maria Angela (Org.) *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.
- DMITRUK, Hilda Beatriz (Org.) *Cadernos metodológicos: diretrizes do trabalho científico*. 6. ed. Chapecó: Argos, 2004.
- _____. *A história que fazemos: pesquisa e ensino de história*. Chapecó: Grifos, 1998.
- DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- EDUCAÇÃO Moral Infantil. A Voz de Chapecó. 25 de jul.1939. Ano I, p. 12
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- HASS, Monica. *Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local 1945-1965*. Chapecó: Argos, 2000.
- _____. *O linchamento que muitos querem esquecer*. Chapecó: Argos, 2003.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: Leitura da Fotografia Histórica*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.
- MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. *História da vida privada no Brasil* – 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NASCIMENTO, Dorval do. BITENCOURT, João Batista (Orgs.). *Dimensões do urbano: múltiplas facetas da cidade*. Chapecó: Argos, 2008.
- ORDOÑEZ, Marlene. *História - Brasil: a monarquia e a república*, 6ª série. São Paulo: IBEP, 1999.
- PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. A evolução da cidade de Chapecó: do povoado ao centro regional. *Revista do IHGSC*, Florianópolis, nº 4, p. 365-400, 1982-1983.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (Tradução Roberto Leal Ferreira)

____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

____. *História das mulheres: as vozes do silêncio*. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

TONIN, Marcia. *Etiqueta e beleza: valores balizadores da sociedade chapecoense na década de 70 e 80*. Chapecó: Unochapecó, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

VOJNIAK, Fernando. *Masculinidade na construção do oeste catarinense*. Revista Grifos, Chapecó, Argos, n. 16, p. 156-177, 2004.

Notas

1 O Jornal A Voz de Chapecó foi fundado em 3 de maio de 1939, surgindo no contexto nacional do Estado Novo (1937-1945) e aliado às principais preocupações propostas pelo Governo Vargas, que por meio do trabalho procuravam abrir caminhos para fazer o oeste consolidar o progresso regional. (Petroli, 2005; Manfroi, 2008)